

ser utilizada pelas escolas como um instrumento de trabalho adicional.

#### O INFOESCOLAS DE 2018

Há algumas semanas atrás foi divulgada ao público uma nova versão do InfoEscolas, com atualização de todos os dados. Como é hábito, aproveitámos a atualização de dados para introduzir novos indicadores e mais informação no portal. As principais novidades deste ano foram as seguintes:

I) Para monitorizar os resultados dos alunos mais novos, introduzimos os indicadores da conclusão no tempo normal dos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico. Esses indicadores mostram, por exemplo, a percentagem de alunos da escola que conclui o 1.º ciclo em 4 anos, que é a duração normal deste ciclo quando os alunos não têm retenções. A percentagem de conclusões na escola é depois comparada com a média nacional para alunos com um perfil socioeconómico semelhante, ou seja, os resultados dos alunos da escola são comparados com os dos alunos do país que têm o mesmo tipo de apoios da Ação Social Escolar, cujas mães têm habilitações semelhantes e que frequentam escolas com a mesma natureza pública ou privada. Esta comparação entre alunos com perfil socioeconómico semelhante é mais justa, para percebermos o trabalho das escolas, do que a comparação com a média geral.

II) Para todos os ciclos de ensino, o InfoEscolas passou a mostrar estatísticas organizadas por agrupamento de escolas públicas, além de se manterem as estatísticas por escola, por distrito e por concelho. Muito do trabalho desenvolvido nas escolas públicas é pensado e realizado ao nível mais alto dos agrupamentos de escolas, pois é a esse nível que trabalham os órgãos de gestão das escolas, como o diretor ou o conselho pedagógico, que é atribuído o financiamento público e que é realizada a avaliação externa das escolas. Portanto é importante termos informação estatística que ajude a caracterizar os agrupamentos com um todo, além da informação desagregada das suas várias escolas individuais.

III) Por fim, no caso das escolas com cursos profissionais no ensino secundário, o InfoEscolas introduziu nova informação sobre a existência na escola de sistemas de garantia de qualidade do ensino profissional e sobre o seu maior ou menor alinhamento com o quadro europeu de referência para este tipo de sistemas, designado por quadro EQAVET. É desejável que, a curto ou médio prazo, todas as escolas com cursos profissionais tenham sistemas de garantia de qualidade alinhados com o EQAVET. Quem consultar o site do InfoEscolas poderá agora ver quais as escolas mais e menos avançadas nesse processo. ■

# Cultura portuguesa: diversidade e inovação

A partir da sua larga experiência, nomeadamente como diretor da cátedra Eduardo Lourenço da Universidade de Bolonha – a mais antiga e das mais presitigiosas da Europa –, de que é prof. catedrático de literatura portuguesa e brasileira, no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas Modernas, que dirigiu entre 2025/2018 –, o autor acentua “o potencial que teria a construção de redes capazes de agregar interesses de investigação e transformá-los em projetos dentro da densa trama internacional da rede do Instituto Camões”. Roberto Vecchi, que também tem ensinado e investigado em outras universidades, é ainda o atual presidente da AIL, Associação Internacional de Lusitanistas

#### ROBERTO VECCHI

■ Cultura e investigação foi o tema que o Instituto Camões me convidou a desenvolver dirigido à sua rede de docência – leitorados, centros, cátedras – espalhada pelo mundo por ocasião do seminário sobre Cooperação Língua e Cultura que ocorreu em janeiro em Lisboa. Um desafio relevante: qualquer ação universitária apoia-se sobre uma base de investigação, assunto em si incontornável. A intuição fértil do Camões foi não considerar este um assunto externo às boas práticas de educação e ensino, mas pelo contrário estimular a atividade científica como um eixo primário da ação externa em apoio a difusão da língua e da cultura portuguesa.

Há um binómio que é importante assinalar desde logo e que conota as potencialidades de aplicação da cultura portuguesa: diversidade e inovação. Diversidade é um descritor das culturas que se expressam em português, que valoriza uma matriz quase infinita de elementos com que conjugar e repensar a investigação. É também um termo escoregado porque deve sempre ser de algum modo situado, no sentido que um elogio acritico da diversidade pode implicar as armadilhas – às vezes também ocultas – das sereias idealizadas do luso-tropicalismo. O segundo termo, inovação, não é, no entanto, um complemento banalizador. Inovação alude a uma originalidade não menos mitológica e idealizada. O economista Joseph Schumpeter, em 1912, ao pensar na economia industrial como um fato social total, configura a inovação (do ponto de vista do empresário, diferentemente do inventor) não como acréscimo de novos elementos, mas como a “polissemia” dos elementos já existentes, ou seja, pela combinação inovadora de elementos imanentes. Mudar através de uma combinação nova o significado dos objetos é uma diretriz que renova e não repete o existente.



Universidade de Bolonha “A cátedra que o Camões inaugurou há 12 anos representa uma espécie de divisor de águas”

“ Converter a nossa experiência de professores num manual que pudesse absorver uma parte consistente do repertório temático e de investigação que acumulámos ao longo dos anos

Esta primeira observação longe de ser só teórica permite um acesso a uma narrativa das atividades da cátedra Eduardo Lourenço em Bolonha. Uso humildemente a memória da cátedra como caso e não como exemplo; uma breve “biografia” que se entrelaça a alguns conceitos trabalhados que mostram outras combinações dos elementos existentes

A cátedra que o Camões inaugurou 12 anos atrás, em 2007, repre-

mantivesse a sua centralidade. O foco deslocou-se mais para o âmbito das relações entre poder e cultura, mediadas por um elo, aquele da reconstrução do passado, que expressava a relação complexa do poder e das representações a partir de memórias frágeis ou ameaçadas.

■ UM PRIMEIRO MEDIADOR que surge na aproximação do trabalho crítico de Eduardo Lourenço é a importância, para os estudos de cultura e também de literatura, da dimensão conceitual. O nosso passado filológico literário subestimara o pensamento crítico. Começámos a chamar um conjunto de autores que até precocemente discutiram Portugal dentro de uma constelação bastante ampla – digamos de Garrett a Boaventura de Sousa Santos, recuperados pelo ângulo de um Portugal em permanente desmontagem crítica – como partes de um pensamento português, que permitia não só repositonar monumentos e imagens literárias de Portugal, mas também repensá-los a partir de formas críticas pós-coloniais próprias do contexto da língua portuguesa.

Conjugando o pensamento português com as questões coloniais definia-se assim melhor o tópic do Atlântico Sul como um modo para recortar uma leitura de um tempo e um movimento em simultâneo próprio e comum (portanto com uma atenção prestada a um possível contato ou contágio com a ideologia do excepcionalismo de Portugal). É com a publicação da edição italiana de *O Labirinto da Saudade* (Diabasis, 2006) e o projeto de uma coleção chamada “Cais – Extrema Europa” que se inaugurou uma nova perspectiva de investigação interdisciplinar pela riqueza também literária do pensamento português.

No entanto, a cátedra toma forma plena em 2007 por ocasião do doutoramento *honoris causa* que a Universidade de Bolonha confere ao professor. O campo de estudos da guerra colonial que tinha sido o

“ senta uma espécie de divisor de águas. Não só institucional, porque criou um modo diferente de coordenar a cooperação entre o espaço dos estudos portugueses em Bolonha e o Camões, mas também no plano de articulação de ideias e projetos de investigação. Antes desta fronteira, em Bolonha já tinham iniciados alguns processos de renovação científica e didática. O primeiro foi a abertura, na década de 90, do interesse institucional pelo campo dos Estudos Pós-coloniais. O âmbito dos estudos de língua e literatura portuguesa encontrou já a partir de 1994 nos pós-colonialismos um terreno fértil de interesse nas relações da guerra colonial com a cultura e a literatura portuguesa. A partir desta linha criou-se uma parceria com uma investigadora portuguesa, na época em serviço junto do King’s College de Londres, Margarida Calafate Ribeiro com que no futuro se compartilhariam – e ainda se compartilham – múltiplos projetos e que será a responsável da cátedra.

Foi neste contexto que começou a surgir nos estudos portugueses um interesse que ia além do exclusivo campo literário, ainda que este



embrão da cátedra, continuou a ser um terreno de construção bastante criativo e aberto. Interdisciplinar e experimental, onde diversidade e inovação mostravam uma possibilidade de conjugação e a procura de novas perspetivas que se debruçavam sobre o passado.

Entre os projetos em construção, um que foi dedicado à poesia da guerra colonial (*Uma ontologia do eu estilhaçado*) que ocupou alguns anos de pesquisa de fontes e que em 2011 produziu uma ampla Antologia da memória poética da guerra colonial). O outro, mais ambicioso, coordenado por Margarida Calafate Ribeiro, é um projeto com amplos aspetos de inovação e com caráter interdisciplinar, porque combina estudos culturais e medicina, baseado na possibilidade de pensar a transmissão da memória de experiências traumáticas. *Os filhos da guerra colonial: pós-memória e representações* que inaugurou um conjunto de interrogações, conceitos e problemas que se revelam semanais também para articulações futuras.

**ALÉM DO TEMA DA GUERRA COLONIAL**, existe um elo mais profundo que une os dois percursos. É uma certa vertente da memória que está em jogo nas duas iniciativas que se transformaram em didática académica de qualidade. como aquela ministrada nos cursos de formação avançada também pela plataforma do Centro Virtual Camões. A guerra colonial é o epifenómeno exemplar e total que dá concretude à reflexão em torno da construção de uma memória pública, inclusive na penúria fatural e em circunstâncias hostis à cristalização de imagens comunitárias. A experiência da guerra funda uma memória traumática que parece não poder ir além da recordação individual ou da memória privada, que não ultrapassa os limites da esfera doméstica. A constelação também aqui é ampla e instável, num século que inscreve o testemunho no centro da cena pública.

Nesta linha virada para um compromisso no campo da memória, inscreve-se uma das ações mais consistentes da cátedra e da parceria com o CES (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra). Chamamos, Margarida Calafate Ribeiro e eu, esta seção, uma "história de livros impossíveis", ou seja, o trabalho que engendrou obras que sem um projeto de organização provavelmente não existiriam. Trata-se de uma filologia da ausência, que restitui livros que de outro modo não se tornariam acessíveis. Três projetos de investigação desenvolvidos a partir de 2007 sempre no âmbito da cátedra, que produziram três volumes que de certo modo marcam o esforço de subtração ao esquecimento de fragmentos, textos dispersos, inéditos. Trata-se da *Antologia poética da guerra colonial* (2011) que reúne os materiais do projeto de investigação, as organizações dos volumes de Eduardo Lourenço, *Do colonialismo como nosso pensamento* (2014) e do volume de Luandino Vieira (este

em colaboração com Monica Silva), *Papéis da prisão* (2015). O livro da memória precária e torrencial de Luandino permite formular algumas considerações críticas sobre os "livros impossíveis" e a sua (possível) salvação. O que qualifica o projeto é a relação entre a restituição textual e o ato de autor: a organização do volume é para o autor uma reescrita através de uma mediação. Isto torna o processo de produção mais aberto e participativo com óbvias consequências "políticas" no sentido que a comunidade encontra meios para debater sobre uma memória complexa ou até disputada a partir de uma ferramenta que altera o cânone e as práticas críticas. Uma filologia viva e política, portanto.

**E COERENTE COM AS LINHAS** de investigação sintetizadas, o projeto europeu "ERC Memoirs. Filhos do Império e Pós-memórias europeias", dirigido por Margarida Calafate Ribeiro, que aborda o problema das memórias coloniais e da sua transmissão às novas gerações considerando três contextos específicos, Portugal, França e Bélgica.

Era assim inevitável que as consequências dos projetos provocassem efeitos também no plano da construção de novos instrumentos para a didática, na sua estreita relação com as atividades científicas e a consciência do valor social que hoje representa o estar numa universidade (pública) em tempos globais, no sul da Europa. Com Vincenzo Russo, diretor da cátedra António Lobo Antunes na Universidade de Milão, resolvemos converter a nossa experiência de professores num manual que ao mesmo tempo pudesse absorver uma parte consistente do repertório temático e de investigação que acumulámos ao longo dos anos e que imprecisamente foi resumido nesta apresentação. *La letteratura portoghese. I testi e le idee* (2017) combina uma atenta seleção de textos, com quadros contextuais. Acrescenta um elemento dominante que é constituído pela vertente conceitual. A perspetiva de facto é que pela contribuição da história dos conceitos se torna mais eficaz a aproximação de uma leitura que, como apontara Lourenço em "Da literatura como interpretação de Portugal" sempre se interrogou sobre as imagens em que se reconhecia e que a literatura contribuía para fixar.

Estas considerações e as suas consequências críticas, num caso isolado como o da cátedra de Bolonha, deixa entrever o potencial que teria a construção de redes capazes de agregar interesses de investigação e transformá-los em projetos dentro da densa trama internacional da rede do Instituto Camões. A possibilidade de uma polissemia de elementos existentes, as possíveis recombinações criativas, encontrariam, no espaço científico da língua portuguesa no mundo que esta rede configura, oportunidades imensas de valorização de uma diversidade que nos interroga e de uma demanda de inovação sempre mais necessária. JL



Uma turma da Escola Básica de Rates num estúdio da Universidade do Minho: literacia para os media, cidadania e leitura de mãos dadas

## Miúdos a votos Qual é o livro mais fixe?

A 15 de março, os alunos do básico e secundário vão eleger os seus títulos preferidos. Até lá, as escolas animam-se com a campanha eleitoral

“O dia foi muito fixe!”, exclama João Ribeiro, 9 anos, à saída da sala onde esteve à escuras a montar um *podcast* para os tempos de antena de rádio de “Miúdos a Votos: quais os livros mais fixes?”. Estamos em Braga, na Universidade do Minho, mais concretamente no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), onde a turma do João, do 4.º ano da Escola Básica de Rates, Póvoa de Varzim, veio aprender a trabalhar som e imagem.

É caso para dizer que se mataram dois coelhos de uma cajadada: os alunos desloçaram-se a Braga no âmbito do programa “Cientificamente Provável”, do Ministério da Educação e, como estavam a desenvolver trabalhos para a campanha eleitoral de “Miúdos a Votos”, juntaram-se as atividades. O objetivo? “Levar os meninos e meninas a compreender e analisar conteúdos que consomem, de formas mais conscientes”, explica Sara Pereira, professora do departamento de Ciências da Comunicação daquela universidade.

Literacia para os media é mais uma vertente que “Miúdos a Votos”, organizado pela revista *VISÃO Junior* e pela Rede de Bibliotecas Escolares, permite aos professores trabalharem com os alunos. Ao estimular a escolha dos livros mais apreciados pelos alunos através de um processo eleitoral semelhante às eleições políticas, a iniciativa promove, simultaneamente, a leitura e a cidadania. Com a introdução da Cidadania nos currículos escolares, permite também

trabalhar a literacia para os media – sobretudo durante a fase de campanha eleitoral, em que os alunos tentam convencer os seus colegas, através de comícios e debates, de vídeos e tempos de antena, de cartazes e posts nas redes sociais, a votarem no livro de que mais gostam.

A iniciativa é aberta a todas as escolas (inclusive às no estrangeiro que sigam o currículo português), que se podem ainda inscrever em [www.visaojunior.pt](http://www.visaojunior.pt). As eleições nacionais, em que cada ciclo de ensino tem uma lista de candidatos (candidatos esses propostos pelos próprios alunos, numa espécie de eleições primárias em que participaram mais de 22 mil estudantes), realizam-se a 15 de março. JL

